

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – CAMPUS ARAPIRACA
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

WIGNNA PEREIRA BARBOSA

ANÁLISE DA PRESERVAÇÃO DA FACE NO GÊNERO ENTREVISTA ORAL
TELEVISIVA

ARAPIRACA-AL

2020

WIGNNA PEREIRA BARBOSA

ANÁLISE DA PRESERVAÇÃO DA FACE NO GÊNERO ENTREVISTA ORAL
TELEVISIVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Letras – Língua Portuguesa, da
Universidade Federal de Alagoas, Campus de
Arapiraca, como requisito parcial para obtenção do
grau de graduada em Letras – Língua Portuguesa
(Licenciatura).

Orientador: Prof. Dr. Deywid Wagner de Melo

ARAPIRACA-AL

2020

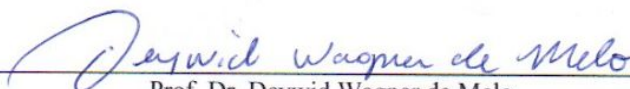
Wignna Pereira Barbosa

Análise da preservação da face no gênero entrevista

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus Arapiraca, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Data da aprovação: 19/02/2020

Banca Examinadora



Prof. Dr. Deywid Wagner de Melo
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca
(Orientador)



Prof. Dra. Karla Renata Mendes
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca
(Examinadora)



Prof. Me. Max Silva da Rocha
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Faculdade de Letras – FALE
(Examinador)

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, me sinto grata pela vida e por todas as possibilidades que o universo reserva para que eu possa fazer minhas escolhas.

Sinto-me grata a mim mesma por ter acreditado nessa proposta, bem como ao meu orientador, Prof. Dr. Deywid Wagner de Melo, pela sábia orientação.

Agradeço, também, a todos aqueles que direta e indiretamente contribuíram para que eu pudesse concluir esse ciclo, resultando nesse trabalho.

Cada pequena ação foi essencial para concretizar esse grande objetivo.

RESUMO

O Gênero Entrevista é bastante difundido nas relações humanas, especialmente no contexto midiático e jornalístico, entre tantas outras áreas. No caso do presente trabalho, o objetivo é analisar como acontece a preservação da face entre os interlocutores no Gênero Entrevista, com todas as suas características, propriedades, através de seus marcadores conversacionais, e outros recursos inerentes ao tipo de conversação a que o estudo se propõe, considerando o fato de que, no gênero elencado, necessariamente, há pelo menos dois falantes e ouvintes, simultaneamente, exercendo uma interação mútua, em níveis de simetria distintos. Fundamenta-se em Medina (1990), Morin (1973), Bakhtin; Volochínov (2009), entre outros autores. A metodologia adotada é de caráter qualitativo. É evidente o quanto se apresentam imprescindíveis as modalidades de preservação da face dos indivíduos para a civilidade e alcance do objetivo do discurso.

Ele pode se constituir até mesmo no cotidiano, de maneira mais informal, através de pares adjacentes discursivos, como é o caso tão usual das perguntas e respostas. O fato é que a Entrevista depende intrinsecamente do diálogo entre os interlocutores de todos os meios sociais e para muitas finalidades; e para isso, existe uma maneira pela qual os falantes se expressam e traduzem suas intenções comunicativas. É de grande relevância para o discurso, um aprofundamento do estudo não apenas de sua estrutura sintática, mas também imerso nos mais diversos contextos, para a construção de sentidos e significados. É nessa área que a Pragmática exerce um papel importantíssimo, pois traz conceitos reveladores acerca de elementos implícitos discursivos.

Palavras-chaves: Preservação da face. Entrevista. Interlocutores.

ABSTRACT

The Interview Genre is widespread in human relations, especially in the media and journalistic context, among so many other areas. In the case of the present work, the objective is to analyze how the face preservation happens among the interlocutors in the Gender Interview, with all its characteristics, properties, through its conversational markers, and other resources inherent to the type of conversation to which the study is based. proposes, considering the fact that, in the genre listed, there are necessarily at least two speakers and listeners, simultaneously, exercising a mutual interaction, in different levels of symmetry. It is based on Medina (1990), Morin (1973), Bakhtin; Volochínov (2009), among other authors. The adopted methodology is of qualitative character. It is evident how essential the modalities of preserving the face of individuals are for civility and achieving the objective of the discourse.

It can be constituted even in everyday life, in a more informal way, through adjacent discursive pairs, as is the usual case of questions and answers. The fact is that the Interview depends intrinsically on the dialogue between the interlocutors from all social media and for many purposes; and for that, there is a way in which speakers express themselves and translate their communicative intentions. It is of great relevance for the discourse, a deepening of the study not only of its syntactic structure, but also immersed in the most diverse contexts, for the construction of meanings and meanings. It is in this area that Pragmatics plays an extremely important role, as it brings revealing concepts about implicit discursive elements.

Keywords: Preservation of the face. Interview. Interlocutors.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	OS ESTUDOS DA PRESERVAÇÃO DE FACE.....	9
2.1	Conceituação da Preservação de Face	9
2.2	Face positiva e face negativa	10
2.3	Estratégias de polidez	11
3	ESTUDOS DE GÊNERO TEXTUAL ENTREVISTA	14
3.1	Conceito de gênero textual	14
3.2	Caracterização do Gênero Entrevista	16
3.3	Tipologia das Entrevistas	19
4.	OS ASPECTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DA ENTREVISTA	23
4.1	Caracterização da pesquisa	23
4.2	Constituição do corpus e Método de Transcrição	24
4.3	Análise da Entrevista	26
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
	REFERÊNCIAS	49
	ANEXO A - ENTREVISTA TELEVISIVA	50

1 INTRODUÇÃO

A preservação da face no gênero Entrevista é um elemento essencial para o andamento do discurso entre os interactantes desse gênero, no que se refere ao que se pode influenciar os sujeitos em suas intenções de fala. Para os estudiosos dessa área, o presente gênero é de suma importância, pois se apresenta um material rico em conteúdo que pode ser incorporado na Preservação da face, já que esses elementos, em seus turnos e trechos de fala, em cada uma de suas intenções, servem de base para a caracterização da cada uma das faces, muito bem sobressalente na situação em que um falante requer do outro uma resposta sobre questões que podem comprometer o interlocutor.

Ao produzir um discurso, as pessoas representam seus valores, visões de mundo, experiências e, inevitavelmente, incorporam seus posicionamentos e opiniões, especialmente quando requeridos diretamente. Por motivos pessoais ou objetivos, muitas vezes, procuram a melhor maneira de falar ou não, por quais argumentos e comparações enveredar para expor a idéia que se quer. Como seria se todos falassem da maneira mais espontânea, sem nenhuma ordem ou polidez, seja para adentrar numa conversação fortuita ou em assuntos com certa complexidade ou polêmicos? É nesse ponto que esse trabalho se debruça, no ponto que estuda os recursos utilizadas para se expor a face: algo que se pode observar em evidência nos diversos gêneros, talvez, de maneiras distintas em todos ou quase todos e na Entrevista.

Para a efetivação desse estudo, também foram pesquisados conceitos, tais como: turnos, marcadores, pares conversacionais, entre outros. Esses conceitos complementam o assunto central de que se trata, norteando e compondo as teorias que coincidem com a preservação da face.

Em seguida, houve a escolha do *corpus* de trabalho, de maneira especial, por se tratar de um assunto que mostra uma inovação da própria Língua Portuguesa com pessoas especialistas da área. A entrevista oral foi transcrita conforme as regras de Marcuschi (1998), a fim de preservar também os recursos orais, que fazem parte da preservação da face.

A Internet é um recurso muito abrangente nesse campo, pois a busca por materiais que não estejam em tempo real também é muito válida, apresentando possibilidades dentro do tema que se pretende estudar, e foi o que ocorreu neste trabalho.

Para organizar o trabalho, foi feita a divisão em três sessões. Quais sejam: 1. Os estudos da preservação de face, que subdividem-se em Conceituação da preservação da face; face positiva e negativa e Estratégias de polidez; 2. Estudos de gênero textual entrevista com seus conceitos, caracterização e gênero da pesquisa e Tipologia. E 3. Os aspectos metodológicos e análise da entrevista, que representa a Caracterização da pesquisa, a constituição do *corpus* e método de transcrição e Análise da Entrevista.

O trabalho busca responder à grande questão norteadora: Como se dá o processo linguístico de preservação da face dos sujeitos envolvidos no gênero entrevista? Seguindo uma abordagem metodológica fundamentada na pesquisa qualitativa, este trabalho objetiva analisar esse processo, ou seja, analisar como os elementos linguísticos realizam a preservação da face dos sujeitos envolvidos em uma entrevista oral (gênero textual/discursivo).

2 OS ESTUDOS DA PRESERVAÇÃO DA FACE

Esta seção, que inicia este trabalho monográfico, abordará os conceitos fundamentais deste trabalho, quais sejam: a conceituação da preservação da face, as faces positiva e negativa e as estratégias de polidez. Assim, iniciando, os conceitos a seguir se detém na definição da Preservação da Face.

2.1 Conceituação da Preservação de Face

Segundo Goffman (1974, 1981), dentro do discurso, a intenção de comunicar satisfatoriamente suas pretensões, aliado à forma escolhida para expressar a mensagem, com o ritual de preservar a face, são extremamente importantes para a composição do relacionamento dialógico entre os indivíduos, . Essa última é a que mais perpassa as regras para se dizer ou deixar de dizer algo, constituindo uma teia de falas ou omissões que norteiam uma série de estratégias dos falantes e ouvintes, na intenção de estabelecer uma discussão pacífica, preservando a auto-imagem.

Para Marcuschi (1989 e TAVARES(2007), há circunstâncias em que, essa pretensão nem sempre será alcançada, até mesmo para formular o próprio sentido do diálogo, e exemplificou citando a seguinte proposta:

1. atos que ameaçam a face positiva do ouvinte: desaprovação, insultos, acusações; 2. atos que ameaçam a face negativa do ouvinte: pedidos, ordens, elogios; 3. atos que ameaçam a face positiva do falante: auto-humilhação, autoconfissões; 4. atos que ameaçam a face negativa do falante: agradecimentos, escusas, aceitação de ofertas. (MARCUSCHI, 1989, *apud* TAVARES, 2007, p. 284)

Sendo assim, a preservação da face se apoia em dois pilares: a face positiva e a face negativa. Nesse sentido, entende-se que a preservação da face assume alguns caracteres que se constituem de formas diferentes, e que ao mesmo tempo se entrelaçam para construí-la, assumindo formas e determinadas características, como será exposto a seguir.

2.2.Face positiva e face negativa

A face positiva dos falantes e ouvintes se caracteriza pelo bom comportamento que assegura uma construção de imagem que procura estabelecer com o outro e o mundo externo, uma relação de aceitação, como ressalta Goffman, (1974).

Por sua vez, a face negativa é a que mais se procura atenuar e, mais fortemente, esconder, que diz respeito à intimidade de convicções, pensamentos e comportamentos que são frequentemente rejeitados e tidos como ameaçadores à imagem na esfera social. Dentro do campo da teoria da Preservação de Face, há subdivisões que norteiam a classificação de cada uma delas. Nesse sentido, podem-se classificar alguns atos que correspondem às faces positivas e negativas dos integrantes do discurso, segundo a Teoria das Faces, de Goffman (1974, 1981):

Atos que ameaçam a face negativa do locutor: o juramento impele o indivíduo a se comprometer na realização do que foi dito e prometido; julgamentos; opiniões e valorações de competências de outras pessoas; agradecimentos; recebimentos de favores; constatações de feedback, etc.
 Atos que ameaçam a face positiva do locutor: Admissão de um erro, ou pedido de desculpas que representam uma auto-retratação por reconhecer falhas e limitações pessoais; incompetência, etc.
 Atos que ameaçam a face negativa do interlocutor: perguntas diretas sem demonstrar nenhuma polidez ou discrição; gestos que ameacem a liberdade de ação; conselhos e opiniões não solicitadas; ordens; cobranças; intromissões, etc.
 Atos que ameaçam a face positiva do interlocutor: receber ofensas, comentários hostis, crítica, desaprovação, etc. (GOFFMAN, 1974, 1981, p. 11)

Além disso, ainda existem atos que ameaçam as quatro faces envolvidas no discurso, que afetam tanto a face positiva e negativa do locutor, como também as duas do interlocutor. São estes: ameaçar, humilhar, rechaçar, insultar, etc. Os linguistas se debruçam sobre o estudo das estratégias, que são a arte de explorar as melhores táticas para alcançar um objetivo determinado, compreensão e leitura de textos bem como as estratégias de processamento textual ou produção.

Para o presente estudo, é relevante citar as estratégias sociointeracionais que vislumbram o bom funcionamento dos jogos de linguagem de modo a fazer com que se desenvolvam livremente, afastando o insucesso da interação. Essas estratégias

são formuladas através do contexto sociocultural realizadas na Pragmática; são as estratégias de preservação de face.

2.3. Estratégias de polidez

As relações simétricas, que se dão na interrelação entre falantes de um mesmo nível hierárquico social ou de qualquer outro nível, têm o traço forte de apresentar ameaça à face dos interlocutores com frequência. Em contrapartida, as relações assimétricas possuem uma linha tênue de equilíbrio, já que se caracterizam por relações de poder e hierarquia. Não obstante, o locutor pode utilizar recursos para neutralizar os atos que exercem ameaça à face, antes que o equilíbrio seja desfeito, mantendo um discurso em bons termos. Isso se dá através de estratégias de polidez na interação que podem ser de três tipos: positiva, negativa e indireta, de acordo com a Teoria da polidez desenvolvida por Brown e Levinson (1978).

A polidez positiva favorece a face positiva do interlocutor. Há uma agradável e aparente empatia entre locutor e interlocutor que constrói um caráter de satisfação e compartilhamento de desejos em comum. A seguir, algumas estratégias específicas:

- Evitar discordância;
- Demonstrar interesse e atenção pelo interlocutor;
- Potencializar a aprovação e simpatia pelo interlocutor;
- Manifestar entendimento pelo que ele diz;
- Externar ou pedir razões, justificando-se.

Por sua vez, a polidez negativa se manifesta quando as imposições ao interlocutor são evitadas, por meio de ações evasivas e termos que afastem qualquer tipo de comprometimento com outro. Podem-se destacar, entre outras estratégias, as seguintes:

- Oferecer deferência;
- Ser evasivo, sem comprometer-se;

- Ser indireto convencionalmente;
- Ser pessimista;
- Pedir desculpas;
- Tornar o discurso impessoal ao nível do locutor e interlocutor para demonstrar que não quer impor nada ao outro;
- Verbalizar compensações.

A polidez indireta se dá por uma comunicação indireta, pois quem discursa deixa um espaço para si, não explicitando possibilidades de interpretações passíveis de defesa. Por meio dessa estratégia, o locutor tem abertura para lançar atos ameaçadores à face, isentando-se de responsabilidades ou transferindo a interpretação para o interlocutor. Entre outras estratégias, podem-se citar:

- Exagerar a expressão (usando hipérbole);
- Pressupor;
- Reduzir a expressão, sem a necessidade de dizer tudo;
- Fazer uso da tautologia;
- Dispor de pistas de sugestões indiretas;
- Ser irônico;
- Ser contraditório;
- Ser ambíguo;
- Generalizar;
- Ser metafórico;
- Utilizar perguntas retóricas;
- Ser vago, abstrato.

É notório o quanto a preservação de face está imbuída de relações de poder, em seus casos simétricos e assimétricos e que todo esse jogo conversacional é norteado pelas estratégias muito bem articuladas em cada contexto e para cada pessoa de formas diferentes, causando efeitos até mesmo drásticos ou extremamente brandos e atenuantes nas interações entre os componentes da enunciação no âmbito familiar, social, profissional, cultural, etc. Esse fato é bem disseminado na concepção de Tavares (2007, p. 29), pois, “poder e prestígio são

fatores determinantes nesses casos, pois normalmente tem-se maior consideração por aqueles que são mais poderosos, e, marcando a bilateralidade do processo, o mais poderoso pode ser também o mais ameaçador.”

Dessa forma, é imprescindível compreender bem cada uma das classificações dos fenômenos da preservação da face mergulhada no gênero a que se propõe estudar; nesse caso, a entrevista que apresenta propriedades de exposição da face tão bem concretas, como se encontra expresso adiante.

3 OS ESTUDOS DO GÊNERO TEXTUAL ENTREVISTA

Como já foi destacado, o gênero entrevista oral televisiva, imbuído de significado e características nas quais promovem os movimentos da Face é um objeto que merece estudo e observação para servir de material que possa demonstrar como determinadas falas estabelecem relação intrínseca de poder e comportamento determinado pela circunstância que o Gênero delimita, como se verifica adiante.

3.1 Conceito de gênero textual

O entendimento do que constitui o gênero discursivo fincado por Mikhail Bakhtin em 1953 é mais considerado para sua utilização em vários processos e trabalhos linguísticos, inclusive as metodologias de ensino. Gêneros de textos são formatos estáveis relativamente construídos através da aquisição de culturas de um determinado grupo social imersos num contexto de tempo e espaço. Tais padronizações nascem das diferentes necessidades que derivam de cada nível de interação e como funcionam seus meios. Desde os primeiros diálogos incorporados no âmbito familiar até os que ocorrem em contextos mais formais ou Institucionais, sejam escritos ou orais. Há uma gama de gêneros tipificados no universo ao qual encontra-se inserido. Exemplificando, podem ser intercâmbio de informações e novidades; votos e afins; gêneros usuais que expressam felicitações. Há ainda aqueles que se tem contato através dos centros de ensino, das literaturas, revistas, jornais e mídias em geral. Dessa maneira, todos os gêneros requerem um estudo que aprecie suas características específicas.

Como ressalta Bakhtin(1981), os dois grandes grupos que compõem os gêneros textuais são os primários, que se destacam em situações espontâneas do uso da linguagem, como em diálogos informais; e os secundários, marcados pela escrita, pelo formato padronizado e organizado da língua e por desempenharem funções relativamente formalizadas que constroem um legado cultural de determinado povo. Há que se observar, no entanto, que os modos de expressão

escrito e oral em sua essência não são o bastante para classificar um gênero nesses dois tipos já citados. A prova disso é que gêneros como conferência, palestra, seminário, bem comuns no mundo profissional e acadêmico, são enunciados oralmente, entretanto, não são produzidos espontaneamente. De todo modo, a separação entre texto escrito e oral é de suma importância para os textos traduzidos em gêneros, visto que as mudanças verificadas gradualmente na estrutura dos gêneros secundários originam-se das transformações mais aceleradas e cercadas de dinamismo que se sucedem a cada nova geração.

Uma outra problemática importante também encontra-se na definição de gênero, estabelecendo as diferenças entre o tipo textual. Para isso, não é aconselhável se ater à diversidade terminológica nesse âmbito, pois isso afastaria o tipo de consideração pertinente para tal objetivo. Parte-se da premissa que para se comunicar verbalmente, é necessário recorrer a algum gênero, a mesma idéia também se aplica à questão do texto. Em suma, de acordo com essas considerações, só é possível se comunicar através de um **gênero textual**, como assinalam Bakhtin(1997) e Bronckart (1999).

Esse posicionamento é adotado pela maioria dos autores que estudam a língua em seus aspectos enunciativos e discursivos, diferente dos aspectos peculiares da forma. Essa abordagem vislumbra uma noção de língua como agente histórico, cognitivo e social. Prioriza o âmbito interativo e funcional e põe em detrimento a forma e estrutura linguística. Estabelece a consciência de um caráter de indeterminação concomitantemente à atividade que incorpora a língua. Isso corresponde a dizer que a língua não considerada uma cópia fiel da realidade, nem representa os fatos tal como são. Na realidade, de acordo com esse contexto, a língua é defendida como uma forma de ação histórica e social que, ao verbalizar, também faz parte da realidade, sem, contrariamente, ceder a um idealismo ou visão subjetiva ilusória.

3.2. Caracterização do gênero Entrevista

. Em tese, a teoria que subsidia o conceito do Gênero Entrevista decorre, majoritariamente, dos estudos da área das Ciências Sociais. Isso torna um pouco

complexo a identificação de uma fronteira entre elas e as Ciências da Comunicação, especialmente ao se considerar a comunicação humana como elemento afim entre as duas correntes de estudo do Gênero em questão. Nesse sentido, Medina (2002) destaca o seguinte: “A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação.”

Sob a visão de perspectiva dupla da autora citada, o gênero é tido como uma técnica efetiva para se extrair respostas por intermédio de um questionário, como também pode ser definida como um meio de comunicação humana, em que os movimentos interpessoais são alcançados através do diálogo, desde que o foco esteja voltado para a comunicação entre os indivíduos. Essa visão dualista pode ser interpretada como a maneira sistêmica e meramente técnica que os questionários impõem à relação entre as pessoas na entrevista, em face de um aspecto mais profundo e democrático instaurado pelo diálogo, o que evidencia uma possibilidade mais interessante. Essa ênfase do diálogo como facilitador das relações humanas também é bastante valorizada segundo as idéias de Bakhtin e Volochínov (2009) e está bem marcada em suas falas:

Na realidade toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. [...] A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros (BAKHTIN, 1981, p.113).

A noção defendida por Bakhtin ultrapassa muito mais que o aspecto composicional dialógico meramente. O autor privilegia as relações interpessoais do diálogo, pondo em questão a verdadeira identidade dos seus integrantes. Não é apenas um texto, mas sim a inserção profunda das visões de mundo em intercâmbio de duas ou mais pessoas. É nesse ponto, que as ideias dos dois autores, Medina e Bakhtin, que preconiza o estudo da linguagem, convergem para o fato de que se o Gênero Entrevista for analisado apenas do ponto de vista técnico.

O dialogismo não ocorre da maneira adequada e ideal. Em relação à pesquisa na área de Ciências Sociais, há um nicho importantíssimo que diz respeito à influência que exerceu, sob o aspecto de sua fundamentação teórica, no legado de conhecimentos do Gênero Entrevista Jornalística, por exemplo. Com isso, é possível haver uma analogia do conceito de entrevista entre os dois campos de convívio humano discursivo que fazem parte do mesmo gênero.

Para Garrett (1977, p.10), “[...], a entrevista é uma arte, uma boa técnica, que pode ser desenvolvida e mesmo aperfeiçoada, principalmente pela prática contínua”. Por sua vez, Lodi (1986) afirma: “a entrevista sendo essencialmente um método de coleta de informações coexiste com outros dois métodos mais conhecidos: a observação e a documentação”.

A observação que se pode fazer em relação às citações anteriores é que na esfera das Ciências Sociais a Entrevista tem o intuito central de extrair informações. Apesar de essas definições enfatizarem o caráter profissional e técnico da entrevista no âmbito científico, pelo fato de sua finalidade ser voltada a um objetivo prático, alguns autores apontam como elemento de sucesso comunicativo na interação dos componentes da entrevista um envolvimento psicológico e emocional, como é o caso de Morin (1973), que defende a seguinte ideia:

A entrevista é uma intervenção, sempre orientada para uma comunicação de informações. Mas este processo informativo, sempre presente, pode não ser o processo nem o fim essencial da entrevista; é o processo psico-afetivo ligado à comunicação que pode ser o mais importante, embora de maneira diferente, tanto no domínio das ciências humanas quanto no domínio dos veículos de massa. (MORIN, 1973, p 116).

Diante de tais considerações, é perceptível que não há fronteiras, do ponto de vista conceitual, entre o campo discursivo da comunicação social e das Ciências Sociais, tendo como intersecção o elemento tão importante da comunicação humana. Em algum aspecto, talvez as diferenças que existem entre as duas áreas anteriores estejam pautadas nas informações suprimidas e não publicadas das Ciências Sociais. Nesse campo, os conhecimentos ficam dominados apenas pelos interlocutores que fazem parte dessa comunidade, ao contrário do que ocorre na Entrevista, que é amplamente publicada e dirigida a todos, numa abertura geral. É vasto o campo de configurações discursivas que a entrevista pode assumir,

dependendo do suporte e contexto que está inserida. Apesar de seguir uma determinada padronização para que seja identificado, simultaneamente também admite algumas variações, em forma de estilos, variações, criatividade e um leque de possibilidades. O teor heterogêneo desse gênero está diretamente interligado à teoria de Bakhtin (2011), que versa sobre a atuação humana através dos gêneros discursivos. Esse autor defende a ideia que todas as vivências humanas se sucedem por intermédio da linguagem e que essas formas e diretrizes linguísticas desse uso acompanham as incessantes mudanças da vida humana. Cada discurso é peculiar e especial, com suas características próprias. Contudo, isso não impede o fato de que cada área de atuação da língua sigam tipos relativamente estáveis de enunciação que se traduzem nos gêneros textuais.

Nesse sentido, o gênero referenciado destaca-se por suas nuances tão diversificadas na sociedade, assumindo diferentes caracteres de acordo com cada área de atuação. E ainda existem as tantas possibilidades do cotidiano, sejam em contextos formais ou informais, em que os indivíduos assumem um papel duplo de entrevistado e de entrevistador, intencionalmente, ou não. Tudo isso é experimentado em várias circunstâncias em que o padrão do diálogo seja marcado por indagações e essas trocas comunicativas comuns do gênero entrevista.

Bakhtin (2011) aponta que em relação aos gêneros discursivos que suas subdivisões classificam-se em duas grandes áreas: os âmbitos mais complexos e padronizados de acordo com instituições ideológicas, frequentemente. É o caso da ciência, religião, política, imprensa, arte, moral, etc. O outro grande campo é o da circulação de ideologias disseminadas no cotidiano. São esses: familiares, entre amigos, íntimos, amorosos, comunitários, etc. Marcuschi (2008) designa o termo domínio discursivo para se referir a um âmbito de produção humana na área discursiva; que podem ser jornalística, jurídica, pedagógica, entre outras, no qual são constituídos por práticas e estratégias comunicativas. O domínio do jornalismo, por exemplo, que inclui a entrevista televisiva, à qual será submetida a análise mais adiante, faz parte do campo de gênero discursivo oral. Além disso, o Jornalismo também possui os grupos de escrita, como ocorre com as notícias, editoriais, nota social, etc.

Entretanto, analisar plenamente a atuação do Jornalismo requer uma reflexão ampla sobre os aspectos históricos e sociais de seu surgimento e desenvolvimento e na funcionalidade discursiva do convívio humano.

3.3 Tipologia das Entrevistas

Melo (2003) se posiciona através da ideia de que o empreendimento desse campo funcional está associado à premência humana em canalizar informações. Ainda de acordo com o autor, o ato de informar-se e informar é vital nas relações humanas e criação de vínculos comunicativos. Para Morin(1973), o gênero entrevista subdivide-se em um grupo que visa o espetáculo dos fatos e dos indivíduos e outro que contempla o ser humano como um ente a ser compreendido amplamente em todos os seus aspectos. Com base nisso, o autor enumera quatro tipos de entrevistas. São elas:

- **Entrevista diálogo:** consiste na construção de uma conversação que vai além do lado meramente técnico de lançar perguntas a serem respondidas profissionalmente, estabelecendo uma relação bem pessoal acerca da visão de mundo dos envolvidos, que em acordo, buscam e articulam uma teoria ou verdade sobre o objetivo que mantém o diálogo. Faz parte desse tipo a entrevista que será analisada nesse trabalho.
- **Entrevista anedótica:** esse tipo é marcado pela valorização de banalidades, a vida pessoal de figuras famosas revelada por motivos de chacota e sensacionalismo. O entrevistador constrói uma relação sem qualquer envolvimento de sua face numa pauta voltada apenas para fatos sem relevância.
- **Entrevista neoconfissões:** nesse caso, o entrevistador assume um papel secundário. Por sua vez, o entrevistado é um protagonista da conversação, propositalmente ou não, extrai na entrevista o seu íntimo, dirigindo-se para fora de seu aspecto superficial. Por esse motivo, o autor enxerga que é um tipo psicológico bem desenvolvido socialmente, embora, possa haver a

possibilidade também dos enunciados terem a finalidade de espetacularização em busca de audiência. De toda forma, essa suposição é aceitável, pois as confissões estão num nível muito alto de sinceridade que qualquer arranjo superficial da sociedade.

- **Entrevista-rito:** tem como essência o conteúdo de cerimônias, eventos sociais, acontecimentos pontuais com o intuito de validar e expor a ocorrência desses fatos com riqueza de detalhes pelo recurso audiovisual. Por exemplo, as palavras de um aniversariante que declara: “Agradeço por todos que me desejaram feliz aniversário”, já são termos que remetem à tradição ou rito e fazem parte dele.

Outra questão crucial é o fato de que no decorrer de muito tempo, a teorização sobre esse gênero entrevista era pautada na crença que destacava o papel do entrevistador, pondo o entrevistado em detrimento, dando a entender que o bom andamento da entrevista era um mérito exclusivo das táticas do entrevistador. Na atualidade, há muitas ideias distintas e divergentes acerca dos papéis exercidos por cada um dos componentes da entrevista em seus diferentes níveis e relações simétricas ou assimétricas. Em especial, a figura do entrevistador é vista como assimétrica em relação aos demais interlocutores (os entrevistados), por diversos autores. Aqui, destaca-se o conceito de Dolz e Schneuwly (2004):

[...] uma prática de linguagem altamente padronizada, que implica expectativas normativas específicas da parte dos interlocutores, como no jogo de papéis: o entrevistador abre e fecha a entrevista, faz perguntas, suscita a palavra do outro, incita a transmissão de informações, introduz novos assuntos, orienta e reorienta a interação; o entrevistado, uma vez que aceita a situação, é obrigado a responder e fornecer as informações pedidas. (DOLZ, SCHNEUWLY, 2004, p.73)

Pondo essa discussão num panorama geral da situação em que se encontra o entrevistador da comunicação social e o das ciências humanas, destacando suas diferenças, o autor Morin(1973) afirma que ao passo que as ciências humanas estão concentrada em colher a personalidade do entrevistado, por vezes, no âmbito da comunicação social, o entrevistador assume importância central na entrevista. Inclusive ressalta que essa profissão é extremamente visada como símbolo de

sucesso, por exemplo, nos Estados Unidos. Lá, os profissionais dessa área são muito bem conceituados, verdadeiros artistas e consagrados, além de serem poucos e especiais. Referindo-se ao entrevistador da comunicação social, o autor ainda aponta que o jornalista deve estimular a simpatia, possuir uma habilidade para enfatizar seus pontos de persuasão. Tudo isso visando tanto o público, quanto o entrevistado.

O entrevistador das Ciências Sociais, em algumas circunstâncias, foge aos conceitos prontos e bem delimitados dos tipos de entrevista, assumindo por ora um caráter intensamente polêmico ou naturalmente evasivo, incorporando diante de algumas situações, papéis de ouvinte, intercalando em outros momentos com o de atuante e estimulador do diálogo. É nesse ponto que o autor Morin (1973) considera que o entrevistador de alto valor e performance é aquele capaz de ser ouvinte e provocador, simultaneamente. Essa reflexão, inclusive, suscita um questionamento que gira em torno de esse fato merecer um estudo mais aprofundado, para deixar de ser algo desconhecido, aparentemente. Destarte, o papel de um bom entrevistador deve saber alternar as duas instâncias mencionadas como bom ouvinte e bom provocador para ser considerado capaz de agregar valores e ser satisfatório.

Mas, afinal, qual é a finalidade comunicativa desse gênero? Sob a perspectiva bakhtiniana, que considera o enunciado como ordem comunicativa, aponta que o processo de interação entre os interlocutores é firmado como função da linguagem. Essa percepção é imprescindível para que se entenda que existem várias motivações para que o diálogo se instale.

Num universo de intuítos, podem-se considerar: persuadir, opinar, informar, convencer, ensinar, estimular uma ação, dentre outros tantos. Por sua vez, diante dessas teorizações, os gêneros nascem através de qual necessidade comunicativa se pretende atender através de padronizações textuais reconhecidas socialmente. Nesse contexto, podem-se classificar as entrevistas como opinativas ou informativas. Essa definição foi construída historicamente e, segundo suas caracterizações, assimila o gênero discursivo entrevista categoricamente como informativo. Melo (2003) questiona veementemente essa definição ancorada em apenas dois fatores, pois acredita que esse é um critério limitante, já que há outros propósitos comunicativos como a interpretação, reflexão, diversão, etc. E para além

disso, ainda há a complexidade de discernir as duas categorias opinião e informação, delimitando seus espaços. Melo (2003) enfatiza que por mais direcionada e clara que seja uma informação, apontando o registro de fatos verídicos, é nítido que a interpretação dos acontecimentos depende do ponto de vista. Ou seja, toda notícia é multifacetada, tem vários ângulos e apesar de terem informações fiéis à realidade, é apresentada de diversas formas nos variados canais assistidos. Diante de tais concepções, fica bem instaurado o questionamento sobre as qualidades e objetivos dos caracteres da opinião e da informação, e parece óbvio que os dois possuem hibridizações, semelhanças e que são infinitas as possibilidades de classificação dos propósitos da comunicação, e que extrapolam os sentidos de dividi-los meramente em dois campos apenas.

4 OS ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA E ANÁLISE DA ENTREVISTA ORAL TELEVISIVA

Para se realizar esse trabalho, é necessário entender quais os métodos adotados para analisar cada parte integrante do trabalho, desde a caracterização do tipo, como os meios utilizados para extrair os resultados, bem como a Constituição do Corpus, a maneira como os dados foram coletados, na ocasião, por transcrição e o que tudo isso implicou na análise.

4.1 Caracterização da pesquisa

O presente trabalho de conclusão de curso trata de uma pesquisa de abordagem qualitativa (problema subjetivo, e que não se trata necessariamente de dados numéricos) e interpretativista, que enfatiza a ação humana em face dos objetos, numa relação em que os indivíduos são a peça principal dos contextos, mergulhando no processo, no comportamento, na subjetividade dos seres, não necessariamente nos resultados de suas escolhas e trajetória, mas especialmente na personalidade diluída num contexto, e a Entrevista é um campo pleno dessa subjetividade, tudo isso foi mesclado a uma coleta bibliográfica através de artigos e demais textos acadêmicos nacionais, entrevista exposta de um canal da Internet e livros da Biblioteca da Universidade Federal de Alagoas- Campus Arapiraca.

Esse material foi selecionado por ser pertinente à pesquisa que se realizou e por apresentar fontes seguras, com autores renomados e grandes estudiosos da área da Pragmática, da Preservação de face (que é o elemento principal para o objetivo final) e dos estudos dos gêneros, em especial, o da Entrevista.

Quando se faz referência a relações sociais, a abordagem da pesquisa qualitativa tem um espaço bem firmado na atualidade em vários contextos. E para isso, existem algumas características básicas para que o processo qualitativo se classifique como tal. Uma delas é valorizar o contexto no qual determinado fenômeno se constitui e ocorre, sendo necessariamente vislumbrado numa integralização de aspectos. Para alcançar esse objetivo, o pesquisador se lança em sua linha de pesquisa com a sensibilidade para captar o objeto em estudo a partir da

perspectiva das pessoas que nele estão dispostas a participar, levando em conta todas as óticas de cada pesquisador, através de vários níveis de informações analisadas sob o prisma do direcionamento e evolução do fenômeno ou comportamento em questão, como aponta Triviños (1987, p.128-30). Um ponto norteador desse conteúdo se dá pelo fato de que a conversação é desenvolvida necessariamente pela **alternância de turnos**: um integrante fala e cessa, o outro começa, retomando o diálogo, fala e cessa. Apesar de esse processo aparentar uma sincronia bem lógica, há duas questões inusitadas na análise da entrevista transcrita: a primeira é que uma parte minoritária da fala manifesta-se em **sobreposição** (falas concomitantes), porém o intervalo entre as duas pessoas no discurso é de microssegundos e incorporam medianamente o valor de poucos décimos de segundo.

Surge, então, a questão de como essa transição tão organizada de um participante para outro é alcançada num espaço de tempo tão certo e com o mínimo de sobreposição. A segunda questão é que, invariavelmente, seja qual for o empreendimento responsável, este deve ter a capacidade de operar em circunstâncias bem distintas. Não importa o número de falantes, podem ser dois, dez ou mais. As pessoas podem entrar e sair do grupo de componentes da conversação. Os turnos de falas podem ser de vários níveis de enunciações mínimas a um espaço de tempo amplo de enunciação contínua. E no caso de dois integrantes, há a certeza de que todas as partes enunciem sem que haja qualquer ordem pré-estabelecida ou sequência de falantes.

Além de tudo isso, o mesmo ordenamento parece funcionar da mesma forma satisfatória na interação face a face e no discurso livre de encontro e monitoramento visual, a exemplo das chamadas telefônicas.

4.2 Constituição do *corpus* e método de transcrição

Em relação à Entrevista, gênero textual no qual centra-se esse trabalho, foi realizada através de um diálogo entre o entrevistador e a entrevistada, uma professora da área de Letras, através de perguntas abertas e, em seguida, foi feita

uma análise discursiva, fazendo uma correlação entre as ideias dos autores elencados, por meio de uma transcrição dos dados orais, apresentando uma amostragem central do objetivo escolhido, como também apresenta um conteúdo que versa sobre paradigmas da Língua Portuguesa, e isso foi uma motivação a mais, particularmente, que despertou bastante curiosidade, tornando a pesquisa muito mais rica e interessante, assumindo um caráter metalinguístico.

Foi escolhida uma entrevista que se encontra no canal Youtube da Internet que exhibe, através da emissora TVPUC, publicada em 11 de outubro de 2013, no Programa Pensar e Fazer Arte, que consiste num projeto oriundo do Grupo de Ensino e Pesquisa em Interdisciplinaridade (Gepi – Pós-graduação em Educação: Currículo), cujo apresentador é o professor Cláudio Picollo (Dept. Inglês) que desenvolve seu trabalho entrevistando diretores, artistas, profissionais da área de Língua Portuguesa e críticos das mais diferentes expressões artísticas e culturais. Nesse vídeo, a entrevistada é a Profa. Dra. Dieli Vesaro Palma. Sobre ela, será efetuada uma análise, destacando o fenômeno da preservação da face dos dois componentes do diálogo transcrito.

Esses dois integrantes do discurso são essenciais à pesquisa, pois além de constituírem o gênero que dá vida a esse trabalho, traz características fortes que se encaixam em relações simétricas e assimétricas do discurso, se encaixando perfeitamente nos mecanismos de interação face a face. Além disso, o assunto em debate traz um conteúdo muito relevante da Língua, que se trata de seu processo histórico, suas nuances como instrumento vivo e funcional de comunicação que necessariamente muda, em disparidade com a Gramática Normativa que se mantém inerte se relacionada com a modalidade oral. Há ainda um aspecto claro que afirma que o acesso e uso dessa Gramática da modalidade culta da língua não é acessível a todos e é usada por uma quantidade ínfima de falantes, estabelecendo, inclusive, uma elitização de classes. Outro ponto importante é a perspectiva de se implantar o ensino da língua através da modalidade em uso, como ferramenta de poder. Tudo isso por meio do gênero entrevista que faz ponte também com outros dentro do texto, como é o caso do gênero poema. A transcrição adotada está adequada às regras de Marcuschi (1998), pois foi feita através da escuta do vídeo e, posteriormente, da digitação do áudio emitido na entrevista.

4.3 Análise da Entrevista

Em primeiro lugar, é imprescindível classificar que o tipo de entrevista é a Entrevista Diálogo, como destaca Morin, (1973) por meio de sua assimetria, pela forma como ela se constitui em seu teor predominante. A entrevistada, professora de Língua Portuguesa, assume um papel de protagonista no discurso em face do entrevistador, também professor, embora haja momentos, numa proporção menor, evidentemente, em que este também estabelece sua fala e seu conhecimento na área sobre a qual foi levantada uma pauta numa proporção menor.

Já no turno de fala do entrevistador

“Dieli, é um grande prazer tê-la aqui conosco, depois de TAAAANTO (prolonga o som do A) tempo de negociação para que pudéssemos agendar um horário, e em nome da minha equipe, quero agradecer muitíssimo pela sua presença”

, observa-se o falante ressaltando sua face positiva através de deferimentos e agradecimentos pela presença da entrevistada, como também enfatiza pelo marcador prosódico TANTO, o tempo que teve que reservar a tentar entrar em contato com Dieli. O fato de ter agradecido primeiro, de certa maneira, atenua uma face negativa do entrevistador, pois pragmaticamente, está implícito que foi difícil e trabalhoso procurar a entrevistada, e garantir a entrevista naquele momento.

No turno de fala da entrevistada,

“Cláudio, eu que fico muito feliz por estar com você aqui, hoje. Porque nós sempre conversamos rapidamente pelos corredores, no restaurante, às quartas-feiras (Risos)TT. Entre pegar um pratinho de comida e voltar pra mesa, né. Mas acho que hoje teremos uma oportunidade de ter uma conversa mais longa e que a gente possa...”

com muito humor suaviza sua face negativa de uma possível indisponibilidade, através da declaração de que eles se encontram raramente, nesse ponto, pode-se

inferir que eles já se conhecem e frequentam um lugar em comum, em intervalos curtos, denunciando que ela é uma pessoa muito ocupada, e isso seria, em alguma medida, uma justificativa para o tempo que levou para cumprir aquele compromisso em forma de convite. Outro fator interessante é que o entrevistador também expressa bastante humor e isso também atenua sua face negativa de uma hipotética insatisfação.

No turno de fala,

(☐)“sobre a nossa QUERIDA língua portuguesa”, o entrevistador potencializa através do marcador prosódico QUERIDA, todo o seu interesse pelo tema em questão, enfatizando sua face positiva. Em seguida, no turno de fala “Isso. E que nós possamos trocar ideias sobre o que nós entendemos sobre a Língua Portuguesa.”

Dieli confirma também seu comprometimento e inclusão na discussão, investindo em sua face positiva, através do marcador simples “nós”.

No turno de fala do entrevistador

“Que bom. E isso é muito bom para que o telespectador também veja qualé a nossa visão de língua, quais são as necessidades a serem desenvolvidas tanto em sala de aula, como..., como..., também no nosso cotidiano, não é, com relação à nossa querida Língua Portuguesa. Dieli, eu tenho uma pequena pergunta aqui, que eu gostaria de fazer a você, que vem de Menotti Del Picchia . Certa vez, ele disse: “Não é a gramática que faz uma língua, mas a língua que estabelece, nas suas constantes, as regras de gramática.”? Você concorda com o grande poeta?”,

o entrevistador cita os telespectadores, mais uma vez, elogiando o assunto em questão com o adjetivo “querida”, referindo-se à Língua, fomentando sua face positiva voltada para o público externo, já que o contexto é midiático. E, em seguida, com gentileza, lança a primeira pergunta à entrevistada.

No turno de fala

“Eu concordo plenamente com o que ele diz, Cláudio. Porque toda língua é fruto do uso dos falantes. +HÃ, nós temos um tradição que se enraizou no nosso povo, até a partir da forma como a escola trabalha o ensino de língua, baseando-se na chamada gramática normativa, que não representa, Cláudio, nenhuma das línguas funcionais que compõem uma língua histórica como a língua portuguesa. Ela é uma norma idealizada que não... que a gente não tem falantes verdadeiros, reais, que usem esse tipo de, de, de... Esse tipo de expressão, né...(). O entrevistador diz: sim (preservando a face positiva. () No seu uso cotidiano, mesmo o seu uso escrito. Então, sem dúvida, Menotti Del Picchia, um poeta de grande sensibilidade, percebeu que a língua, ela é o resultado que os falantes criam e propõem em termos de língua. Por exemplo, nós que somos pessoas letradas, que conhecemos razoavelmente bem a língua portuguesa, ahn, acabamos incorporando algumas mudanças que estão na boca do povo. Então, há uma expressão hoje que é muito recorrente na fala das pessoas, que é o uso do “enquanto”.

a entrevistada favorece sua face positiva concordando com a pergunta feita anteriormente e também pelo fato de afirmar, através de uma auto-retratação, que apesar de as pessoas, assim como ela, serem escolarizadas, incorporam certas expressões fora da norma culta, evitando uma face negativa para os telespectadores e todos os que se incluem nesse tipo de falas. No turno de fala que demonstra a reação de todos com risos, inclusive a platéia, demonstra concordância geral em face positiva.

No trecho de fala,

“As pessoas dizem assim: “ah, “enquanto” professora, eu tenho muito trabalho.” Né... Esse “enquanto”, na língua portuguesa, se eu for pensar, eu não tô pensando em gramática normativa, não. Mas no processo histórico de formação da nossa língua, o enquanto era uma palavra relacional que relacionava duas

orações, havendo entre essas orações uma relação temporal de concomitância. Ou seja, era...” +

- a entrevistada estabelece uma ligação explicativa que demonstra discordância do tipo de fala a que se referiu anteriormente, do ponto de vista gramatical, se referindo ao fato utilizando uma estratégia de polidez indireta, lançando mão de suposições para explicar seu ponto de vista..

No turno de fala,

a entrevistada, mesmo que inconscientemente, parece demonstrar um certo incômodo por ter sido interrompida e preserva sua face através de polidez negativa, lançando o exemplo que foi exposto aproveitando a resposta que cabia no contexto, através da pergunta “enquanto eu falo, você me ouve, certo.”..

No turno de fala do entrevistador em que expressa risos, preserva sua face positivamente indicando concordância. No trecho de fala”,

“isso não é expressão para uma moça. Tem que usar o “nós

,a entrevistada cita uma ironia alheia, preservando sua face, utilizando-se de polidez indireta.

No trecho de fala,

“O professor Celestino Correia Pena falava: “Brasil, tudo é gente”. Ele detestava a forma “a gente”.

O entrevistador demonstra interesse e deferimento, usando um exemplo que confirma, o da entrevistada, preservando sua face positivamente.

No turno de fala

“E aí, hoje, Cláudio, os linguistas que trabalham com descrição, os funcionalistas, principalmente, eles consideram que hoje nós temos um novo pronome pessoal. Nós temos o nós alternando com a gente. Na fala isso é muito comum, mas na escrita... Eu tenho um orientando que está estudando processos

de gramaticalização e crônicas do Arnaldo Jabour. Ele sempre escreve o “a gente”. É claro, a crônica é um texto próximo da coloquialidade, né. Então, Cláudio, ahn, é isso que é a língua, né. A língua, ela é construída pelos falantes. Então, muitas vezes, acontecem fatos interessantes, como aquela lei proposta pelo Aldo Rebelo que ele queria proibir o uso dos estrangeirismos, né...”

A entrevistada preserva sua face através de polidez indireta, inserindo um assunto delicado sobre a transição de uma situação passada para atual, bem expressa pelo marcador simples “agora”, que aparece duas vezes, como também o “né”, estabelecendo uma necessidade de concordância com o interlocutor.

No trecho de fala

“-Sim, humm...”

Entrevistador preserva sua face positiva, mostrando confirmação e deferimento.

No trecho de fala,

“e aí, acontecem situações, eu achei, eu tive uma experiência profissional muito interessante. Eu fui convidada por uma juíza do Ministério público para participar de uma audiência pública em defesa da língua portuguesa contra a invasão dos estrangeirismos, e foi muito interessante, porque o título do debate, lá da audiência pública, era A Língua Portuguesa enquanto identidade da expressão nacional. Aí eu disse a ela que já nós tínhamos um problema no próprio título [...]”

a entrevistada preserva sua face através de polidez indireta,, citando um fato desconfortável, mas depois o suaviza, explicando a disseminação do novo fenômeno linguístico, inclusive, usando pergunta retórica, através do marcador “Por que”. Ainda tem risos dela e do entrevistador, demonstrando preservação de face positiva por concordância.

No trecho de fala

“NOSSA”

Entrevistador usa o marcador simples “nossa” para expressar perplexidade, e ao mesmo tempo, concordância, preservando sua face positiva.

No turno de fala

“Então, Cláudio, sem dúvida, é isso mesmo, é o povo que faz a língua. E a escola tem que entender isso, tem que trabalhar com a língua em uso. Eu acho que essa é a grande questão. E é um desafio, Cláudio. Por que? Porque os nossos professores, eles saem dos cursos de graduação sabendo muita teoria linguística, eles sabem, tem alguns conhecimentos da gramática normativa, mas eles vão pra sala de aula e o aluno dele escreve esse tipo de coisa. Ele não sabe como fazer. Aí veio a palavra “tipo” agora, né. Tipo, eu eu tô usando até na acepção a tradicional. Mas hoje em dia os moços num dizem , né, “tipo assim”. Já é um processo de gramaticalização que vai equivaler a um termo de comparação

A entrevistada preserva a face positiva com polidez indireta, demonstrando entendimento sobre o fenômeno, utilizando-se de indagação, inclusive.

No trecho de fala

“E () “Té logo, mamãe, véia, fui.”. (Risos de ambos)”

O entrevistador se lança com muito humor, preservando sua face com polidez negativa, através de um exemplo irônico.

No trecho de fala

“É. Então, vai dependendo da língua funcional que esse indivíduo utilize, vão aparecendo as criações novas”,

A entrevistada concorda, apresentando através do marcador simples “então”, preservando sua face positiva.

No trecho de fala

“Sim. Vamos à segunda pergunta, que também é muito interessante e que também é de um outro poeta lírico, o Fagundes Varela, o GRANDE, o GRANDE Fagundes Varela, que nos deixou aqui uma estrofe muito bonita, que é a seguinte: “A mais tremenda das armas, pior que a durindana, atendei, meus bons amigos: se apelida: – a língua humana.” É, a língua, um instrumento de poder? Poderia exemplificar aos nossos telespectadores, onde e como, isso se dá?”

O entrevistador preserva sua face positiva, inserindo outra pergunta, enaltecendo o escritor Fagundes Varela através do marcador prosódico “grande”.

No trecho de fala

“Bom, sem dúvida, o Varela... Os poetas, como eles são usuários muito especiais da língua, eles percebem todas essas nuances e tem necessidade, né, comunicativas, que às vezes, se eles forem observar a norma padrão, né, que tá registrada nas gramáticas, vou nem dizer a norma padrão, mas o que tá registrado na gramática prescritiva, eles não conseguem ler, realizar os seus trabalhos a contento.”

A entrevistada responde com deferência e concordância, preservando sua face positiva.

No trecho de fala

(□) “Claro, claro. Eles têm que transcender isso.”,

o entrevistador concorda plenamente, mantendo sua face positiva.

No trecho de fala

“-Por isso, eles acabam, aí eles fazem, acabam criando uns desvios estilísticos, eles criam figuras de linguagem, mas na verdade é porque, como usuário, ele

sofre uma pressão comunicativa como todos nós, ele percebe que aquele tipo de construção não dá pra seguir uma ordem canônica. Ele tem que achar uma outra saída criativa pra poder a mensagem dele se construir, né. Então Fagundes Varela tinha toda razão quando ele disse que a língua é instrumento de poder, né. Porque, pensa assim, Cláudio: Ninguém usa a língua inocentemente, né?”

A entrevistada preserva sua face se utilizando de polidez indireta, lançando argumentos no sentido de estabelecer uma reflexão, utilizando-se de uma pergunta retórica no final de sua frase.

No trecho de fala

(☐) “Claro”

O entrevistador mostra deferimento e confirmação, preservando a face positiva.

No trecho de fala

“Sempre falo pros meus alunos assim: quando seu amigo chega e fala assim pra vocês: “não me leva a mal, mas eu vou te dizer tal coisa.” Você já pode levar a mal, porque já é uma intenção, num é? Porque na sequência do não me leve a mal, ele vai fazer uma crítica pro outro.”

A entrevistada propõe o discurso num nível a fazer inferências através de exemplos e pergunta retórica, preservando sua face caracterizando polidez indireta.

No trecho de fala

(☐) “-Claro. Todo ato comunicativo carrega uma intencionalidade e uma tensionalidade com “s”

O entrevistador concorda, mantendo a face positiva.

No trecho de fala

“Isso”. (ambos respondem ao simultaneamente). Então, Cláudio, isso daí está atrelado a um conceito da linguística textual que toda linguagem é argumentativa. Não há uso de linguagem que não tenha argumentação. Então pra quê... O que é que é argumentar? Então, eu quero te convencer que o meu ponto de vista é o melhor. Então, eu agora aqui estou fazendo de tudo pra te provar que a língua é instrumento de poder, né. E aí, a gente vai usando muitos recursos. E as ferramentas, são exatamente as palavras, porque uma palavra mal dita, hã, “MAL DITA” separado, em determinadas situações, pode, olha, terminar uma amizade de muitos anos, pode terminar uma relação amorosa, né. Eu tive um caso em família, que realmente, um casamento de 25 anos terminou por uma infelicidade da minha tia que por um momento de discussão chamou o marido de “maninho”.

A entrevistada discorre acerca de situações alheias para embasar seu ponto de vista, utilizando-se de questionamentos, preservando sua face através de polidez indireta.

No trecho de fala

(□) “- De maninho?...”, o entrevistador faz uma pergunta, mantendo sua face positiva, concordando retoricamente. No turno de fala “Ficou ofendidíssimo. E dali pra frente, o casamento deles não deu mais certo.”

A entrevistada confirma o fato que havia sido exposto anteriormente, preservando a face negativa.

No trecho de fala

“Maninho, maninho, no sentido de “mano”?”

O entrevistador preserva a face usando polidez indireta, retomando a mesma pergunta, de um ponto diferente.

No trecho de fala

“Não, não. Como se fosse meu irmãozinho. Ele falou: “como você me chama de mano, se eu sou seu marido?” Não sou seu irmão.” Você percebe? A leitura que ele fez?...

A entrevista mantém a polidez indireta, explicando uma situação e estabelecendo a resposta ao entrevistador, através do marcador “percebe”.

No trecho de fala

“Ah, sim...”

O entrevistador finalmente compreende o sentido do que ela disse, preservando sua face positiva.

No turno de fala

“aquela era uma situação de conflito, uma situação de discussão em que eles estavam. E ela, ela contava sempre essa história. Ahn, então veja, é o poder da palavra. Ela constrói, mas ela também destrói, né. E... Eu me lembro, eu era muito jovem, infelizmente, a memória me trai, e eu não consigo lembrar nem do nome do autor nem da peça, não tenho certeza. Eu assisti uma peça em que a situação era a seguinte: se passa numa praça, e havia um senhor que ele estava numa situação de vida muito decadente e ele estava assim desestimulado, queria até morrer. E aí vem uma casal, né, é o que se supõe lá pelo contexto, que seriam marido e mulher, e começam a dizer: “Não, você é uma pessoa inteligente, você tem condições de melhorar. E a peça vai transcorrendo eles vão dando forças para aquele homem. E ele ganha confiança e ele vai e procura um emprego, [...]”

A entrevistada preserva a face por polidez indireta, exercendo seu mecanismo de convencimento, citando histórias, textos que confirmem sua tese, acerca do próprio poder da palavra ao entrevistador, através, inclusive, do marcador oracional “então veja”.

No trecho de fala

(_) *“-Que beleza! Esse é um dos meus livros de cabeceira!”*

O entrevistador concorda com deferimento, salientando a face positiva, através do marcador simples “claro”.

No trecho de fala

“Você me desculpa, que meu livro, coitadinho, ele está todo se desmanchando”,

A entrevistada faz uma preservação de face negativa através do marcador “desculpa”, utilizando polidez negativa.

No trecho de fala

(_) *“Esse é da Aguiar?”*

O entrevistador faz uma pergunta, preservando a face indireta.

No turno de fala,

- É. Esse é da Aguiar e está se desmanchando. Agora eu vou ter que tirar os óculos, claro. Em seguida, ela recita o poema:

*“Ai, palavras, ai palavras,
que estranha potência, a vossa!
Ai, palavras, ai palavras,
sois o vento, ides no vento,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma!”[...]*

A entrevistada recita o poema que havia referenciado e, por meio de várias outras hipóteses, persuade o entrevistador em relação aos seus valores e a defesa de seu ponto de vista, preservando sua face, através de polidez indireta.

No trecho de fala

“A Cecília é hábil nisso, né. E na construção de metáforas, que eu uso sempre pra vocês, quando encontro vocês. “Diáfana, pétala da vida, transparente anêmona era”, referindo-se a uma borboleta. Olha o trabalho com a palavra... (faz gesto de delicadeza com as mãos). O que Ivanir sempre fala no grupo de Pesquisa e Interdisciplinaridade, a força da palavra no contexto, não há quem destrua. A palavra, enquanto léxico, tudo bem, mas quando ela está em um contexto bem aplicada, bem usada, não há força que não... (faz gesto de negativa com a cabeça).”

Persuadido, o entrevistador mostra todo seu deferimento não apenas à entrevistada, mas também outras pessoas de seu convívio acadêmico, aliado a seu conhecimento, através de gesticulações, expressões que demonstram total concordância com a entrevistada e os demais, preservando sua face com polidez positiva.

No trecho de fala

“Eu acho que é o que diz o Drummond, que a palavra, quando ela está em estado de dicionário, é como se ela estivesse lá morta, né. À espera de que alguém venha e a coloque como você disse: num texto, mas que um texto está dentro de um contexto, dentro de uma situação comunicativa, em que há intencionalidade dos dois lados e aí é que ela ganha força e poder. (essas duas últimas palavras foram ditas simultaneamente por ambos).

A apresentadora preserva sua face positiva, ratificando tudo o que havia sido dito antes, incluindo outras referências autorais sobre o assunto. Nesse momento, o

entrevistador concorda com vozes simultâneas, preservando as duas faces, estabelecendo polidez positiva..

No trecho de fala

“Claro, e os políticos também. Hã, em todos, todos.”

Dieli confirma ao mesmo tempo repetindo “todos”, mais uma vez, o entrevistador e entrevistada preservam sua face positiva e também ocorre o mesmo fenômeno com falas de concordância linguisticamente, concomitantemente.

No trecho de fala

“Não! A publicidade, é o... , né... Nós, professores, ultimamente, temos que ser grandes argumentadores para convencer os nossos alunos da importância do conhecimento, né...”

O marcador “não”, nesse contexto da frase, foi posto, surpreendentemente, como termo de concordância com um fato. A entrevistada utiliza argumentos acerca de sua classe profissional, preservando sua face positiva através de polidez indireta.

No trecho de fala

“Nem fale, nem fale...”

O entrevistador preserva sua face negativa, através da expressão “nem fale”, parecendo sentir alguma insatisfação por sua condição, ao mesmo tempo concordando com a entrevistada, através de polidez indireta.

No trecho de fala

“Então eu acho que ela é importante em todos os contextos sociais, em todas as formações discursivas, Cláudio.”

A entrevistada preserva a face, através de polidez positiva, reafirmando sua ideia.

No trecho de fala

(□) “E como é importante fazer com que o aluno se conscientize disso, né.”

O entrevistador concorda, apresentando outro argumento em consonância com Dieli, preservando a face, com polidez positiva.

Nos trechos de falas,

“Olha, é um trabalho muito gratificante, viu, Cláudio...; -Muito gratificante. **TT**

O entrevistador e a entrevistada concordam sobre o mesmo ponto com total sintonia, com falas coincidentes, preservando a face positiva de ambos.

No trecho de fala

“...porque eu fico, assim, penalizada de ver que os meninos passam por um curso de graduação, chegam ao Mestrado, e eles não têm, como professores de língua portuguesa, eles não têm essa consciência. Eu tô terminando, quarta-feira que vem, eu termino, no meu programa de língua portuguesa, a gente tem uma atividade que chama grupo de trabalho. Grupo de trabalho, você propõe um tema polêmico, que ele é discutido ao longo das aulas e tem que sempre resultar numa produção do aluno, né. E eu propus, então, a questão da gramaticalização e dessa gramática emergente. Por que? Há um autor americano, um linguista americano, que ele é funcionalista, chamado Hoper, que ele diz que as gramáticas das línguas, elas estão gramáticas emergentes, elas nunca estão estabilizadas. Ahn, porque o povo é quem vai fazendo essas mudanças. Então, eu propus pra eles conhecerem o que é gramaticalização, Já muita gente estudando o que é esse fenômeno, tem toda uma teorização, né, sobre isso. A metáfora é a base dessas transformações, né. Aí eu pedi pra eles, oh, cês vão ter que procurar aí casos de gramaticalização. Nós vamos dar vários aqui, mas vocês vão ter que encontrar outros, né. Estudamos uns diacronicamente; outros, sincronicamente, e disse pra eles que o fenômeno é pancrônico, é pancrônico, porque ele não acontece de uma vez. Ele vem, vem vindo aos poucos, né. Olha, Cláudio, eu fiquei emocionada ontem, com o que eles descobriram de construções [...]

A apresentadora se retrata através de várias situações, através de questionamentos e reflexões, preservando a face com polidez indireta.

No trecho de fala

TT(risos) *“E aí a gente se pergunta de onde vem isso, né?”*

O entrevistador confronta a entrevistada através de uma indagação, preservando a face através de polidez indireta.

No trecho de fala

“E é difícil, porque aí você se pergunta, você, “olha, vai num dicionário de uso, vai num dicionário de sinonímia, porque você não consegue explicar. Porque aquilo, às vezes nuances tão pequenininhas, que eles falam assim: “olha, professora, a senhora faz com que..., olha, valeu muito, até que não tenha sido relacionado diretamente ao nosso tema de pesquisa, mas nós estamos saindo daqui com a consciência de que nós temos que mudar a nossa posição como professores de Português, nós temos que nos aventurar na língua em uso.”

A apresentadora permanece expondo razões que fundamentam suas suposições e ideias, preservando a face com polidez indireta.

No trecho de fala

() *“-Que maravilha de conscientização, isso é que é conscientização.”*

O entrevistador felicita a atitude exposta por Dieli, preservando a face positiva.

No trecho de fala

() *“Pois é, Cláudio. Mas eu acho que precisaríamos ter essa preocupação desde a formação inicial. E não esperar chegar no Mestrado, né.”*

A entrevistada faz uma sugestão, preservando a face, com polidez indireta.

No turno de fala

(_)“Claro, e depois a educação continuada até o professor da ativa como os professores de entrada, e mesmo aqueles que estão em fases de Estágios observarem o que está acontecendo nesse tipo de Ensino. Quer dizer, precisa ter uma formação de professores, assim como disse Antonieta, num de nossos programas, contínua, contínua. E isso é responsabilidade do governo. Isso quem acha sou eu. O governo é totalmente responsável pela, pelo trabalho do professor, com o “como” e com o “com” o professor. Claro, não é o “como”. O “como” até que ele faz bem, o “para” também. Eu quero o trabalho com o “com” o professor. Esse é o grande problema.”

O entrevistador entra em concordância com a entrevistada, preservando a face positiva, através do marcador “claro” diante do entrevistador e plateia. Por outro lado, com seu posicionamento demonstra completamente sua face negativa em relação ao governo.

No turno de fala

(_)“Não. E dar amparo, né, Cláudio. Porque, assim, os meninos saem, aí vão repetir o que? Os modelos que eles tiveram de professores, né... Que em geral, são modelos tradicionais e eles vão tentando. Eles se aventuram. “Vamos trabalhar com gêneros.” Mas aí quando você começa a discutir a proposta que eles fazem, acaba caindo naquele trabalho tradicional, aí tira a frase de contexto pra fazer a análise linguística, a análise sintática, vou ficar na morfologia. E aí, Cláudio, eu acho um grande... Isso é uma grande deficiência, eles não poderiam sair mesmo, eu diria, até sair mesmo da educação básica. É... Eles não são capazes de diferenciar, por exemplo, classes gramaticais. E são professores de Língua Portuguesa. Outro menino analisava uma interjeição que era substantivo.”
(faz expressão facial de perplexidade)

Novamente, a entrevistada utiliza um marcador no início de sua fala que em muitos contextos seria negativo, mas nessa frase específica, sinaliza concordância

com o interlocutor, expondo suas ideias, mantendo sua face, através de polidez indireta.

No trecho de fala

“E eu, com muito tato, fui... Ele tava expondo o trabalho, depois que ele terminou, eu fui lá e “olha, eu queria que você refizesse a análise pra próxima aula, mas, coitadinho, não percebeu isso, entendeu? Então falta assim...”

a entrevistada relata situações delicadas, preservando a face, através de polidez indireta. Também utiliza um marcador simples, “entendeu”, que estabelece uma relação dialógica de concordância, preservando a face positiva.

No trecho de fala

“Eles têm a noção do que vem a ser predicado? Do que vem a ser sujeito? E agente da passiva? Não deve nem saber o que vem a ser.”

O entrevistador se vale de alguns questionamentos para preservar a face, com polidez indireta.

No trecho de fala

“Então, mas aí eles passaram tantos anos tendo gramática tradicional lá na escola, mas eles memorizaram regras, não foi um trabalho em cima da língua em uso, sabe. Eu acho que essa é que é a grande questão. né, Cláudio...”

A entrevistada preserva a face com polidez indireta, argumentando sobre razões plausíveis para o infortúnio em questão.

No trecho de fala

” -Trabalhar com a língua em USO.” **TT**

O entrevistador potencializa a posição da entrevistada, e acontece a preservação da face positiva de ambos, bem marcada por uma repetição simultânea do termo “em uso”, com entonação marcante.

No trecho de fala

-Cê tem que aplicar textos reais, quer dizer, de circulação efetiva na sociedade, ver as intenções comunicativas, porque as escolhas que têm lá, elas dependem da intencionalidade do locutor, então, eu acho que isso é muito importante

A entrevistada estabelece suposições, preservando a face com polidez indireta.

Nos trechos de falas

“E é um problema sério, mas que não é impossível de ser resolvido.”; Não, Cláudio. Eu não vejo como impossível. Eu tenho assim batalhado, tenho até um grupo de pesquisa, que a gente vem trabalhando na informalidade há 3 anos. Estamos construindo, é, um conjunto, um corpo de idéias, né. Acho que agora ele está maduro para que possamos nos cadastrar no CNPQ. Mas trabalhar com a idéia da Educação linguística desse aluno. Então, esse trabalho com a educação linguística, ela vai, ele passa, que a gente passe a trabalhar com a competência comunicativa desse aluno, com a língua em uso. E a competência comunicativa, englobando todas as outras competências que a formam, né. (inicia-se uma fala simultânea de ambos) - a estratégica, a linguística, a textual discursiva, a sociolinguística, a literária. Tem que pegar todas essas nuances e fazer com que esse aluno seja um poliglota na própria língua, que é o meu norte na educação linguística. O norte que eu tiro do professor Bechara. Porque ele diz que quando você pega uma língua como a Língua Portuguesa, ela é formada de muitas línguas funcionais.”

O entrevistador e a entrevistada preservam as faces através de polidez positiva com otimismo, enumerando razões pelas quais sustentar a hipótese de ambos em relação à problemática.

No trecho de fala

(_)“Claro! Há vários portugueses.”

O entrevistador preserva sua face, pela polidez positiva, concordando.

No trecho de fala

(☐) *“Isso, eu tô falando nacionalmente. Se eu pegar internacionalmente, eu vou ter o Português de Angola, de Moçambique, do Extremo Leste, né. Então já temos outras características de, de Língua Portuguesa, né. Então, esse menino quando ele vem pra escola, Cláudio, ele domina uma língua funcional. E muito raramente, hoje, eles chegam dominando a norma padrão. É muito pouco o número de alunos que chega à escola com esse conhecimento, né. Então, o professor, tem que partir desse conhecimento. E você me faz uma pergunta aí que se deve ser respeitada essa norma, né”,*

A entrevistada dissemina suas conjecturas, preservando a face através de polidez indireta.

No trecho de fala

(☐) *“Isso. Isso.”*

O entrevistador preserva a face positiva, ratificando as idéias com deferimento.

No trecho de fala

“Claro que ele tem que respeitar, porque é o que ele aprendeu no Primário, na família, tal. E nesse conhecimento que ele tem, ele domina a Gramática dessa língua funcional. E Aí, nós vamos ter que ensiná-lo a gramática da norma padrão, que é aquela que eu diria das pessoas letradas, eu diria escolarizadas e com um bom grau de escolarização, que está veiculada na mídia, por exemplo.”

A entrevistada preserva a face positiva expondo fatos que corroboram com seu ponto de vista.

No trecho de fala

“-Que está veiculada na mídia, e que também é exigida na grande maioria dos empregos, num é?”

O entrevistador faz um questionamento inerente e que concorda com a afirmação da entrevistada, preservando a face, através de polidez indireta.

No turno de fala

*(_)“-Sim, por isso mesmo, Cláudio. Porque, ahn, se não fizer isso na escola, você tá discriminando o aluno. Porque, ele vai sair da escola do mesmo jeito que ele entrou? ()Claro, diz o entrevistador preservando a face positiva. Então se for pra isso, o pai não quer que ele entre na escola, porque os pais sabem que ele fala de uma maneira diferente de outras pessoas que frequentou uma escola se expressam. Então, Cláudio, essa é grande dificuldade que a gente tem. Por que? Ahn, além de ser uma questão difícil pros professores, como partir dessas normas funcionais, trabalhar, trabalhar... a norma padrão, e eu não gosto de norma culta, porque, é... a norma culta me dá a impressão de que só as pessoas cultas que sabem usá-la.”**TT**.*

a entrevistada recorre a argumentos extremos e ameaçadores de uma ideologia para basear-se, preservando a face negativa.

No trecho de fala,

(_)“E isso não é verdade.”

O entrevistador preserva a face positiva, defendendo a ideia da entrevistada.

No turno de fala

“E aí, eu questiono muito, porque se eu pegar um autor de Literatura de cordel, ele domina muito bem uma variante regional da língua portuguesa, que normalmente é do Nordeste, né. Que expressa a cultura da região dele. Então eu prefiro norma padrão. O que é norma padrão? É aquela norma que tem a frequência dos usos das pessoas letradas. E por isso que eu digo que a mídia, né, impressa e a mídia televisiva, eles são uma fonte muito rica dessa norma padrão. E aí, nós temos que

trabalhar com ela também. E por meio de que? De textos que representam gêneros pra poder desenvolvermos a competência comunicativa dos nossos alunos. Tem saída, sim, Cláudio. Mas temos que pensar muito nisso.”

A apresentadora preserva a face através de polidez indireta, continuando a refletir sobre outros argumentos, advindos de sua ideia inicial acerca da formação acadêmica.

No trecho de fala

“Pensar, inclusive, nos cursos de formação para os professores de Português, para os professores de Inglês também. Aliás, para o professor de toda licenciatura, né?”

O entrevistador preserva a face positiva, apresentando outras suposições que concordam com as da entrevistadora, e suavizando sua face negativa, através de polidez indireta, questionando a formação acadêmica.

No turno de fala

“E eu acho assim, que nós na Universidade, temos um papel, como a Universidade é produtora de conhecimento, né. Eu tenho tentado isso com meu grupo, de a gente tentar produzir material, de a gente produzir, eu não não falei de nós, eu falei de “a gente”. (Risos de ambos) pra que nós tenhamos uma conversa informal, num é? Eu tô usando a forma gramaticalizada, né, Cláudio. [...]”

a entrevistada preserva a face positiva, enumerando sugestões para a resolução das questões e afirmando sua possibilidade de sucesso, através de polidez indireta.

No trecho de fala

(_)“Há caminhos, sim. Há caminhos. Dieli, infelizmente, nosso tempo acabou e nós não terminamos o roteiro que estava preparado para o programa. Eu

gostaria de agradecer você muitíssimo pela presença e também gostaria de agradecer ao telespectador pela audiência. O meu muito obrigado.”

O entrevistador preserva duas faces: a positiva, quando ele apresenta concordância e deferimento com a fala anterior da entrevistada e agradece sua presença. E a negativa, quando ele expressa o pedido de desculpas por não ter dado tempo de seguir um roteiro maior, encerrando a entrevista.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das amostras da Entrevista, é nítida a predominância do uso de polidez indireta, sobretudo, nas falas em que os argumentos para confrontar ideias conflitantes precisam ser lançados, especialmente, através de questionamentos e hipóteses direcionadas aos interlocutores no diálogo.

Com os resultados obtidos, foi possível concluir a relação entre o embasamento teórico e o objetivo principal da análise da preservação da face, de uma maneira ampla e bem delimitada pela classificação científica que se dá a cada ato comunicativo, e que este ato se relaciona, antes de tudo, com uma intenção, como a própria integrante da entrevista enfatiza. Pragmaticamente, é bem estimulante interpretar o que não está explicitamente dito, contudo, atrelado ao que é dito. Esses aspectos parecem ser até mesmo inconscientes e imperceptíveis aos falantes de tão mecânicas que são as preservações de face no trato do que vai ser verbalizado. Qual seria, então, a linha entre o que realmente se quer dizer no nível do raciocínio e o que, factualmente, se diz através dos ajustes e da forma? É nesse ponto que a preservação da face se cristaliza.

É relevante, também, perceber, o quanto a preservação das faces positiva, negativa e indireta, determina a escolha lexical do falante, e que essa não é a que norteia sua intenção, e sim, o contrário, nesse contexto. Ou seja, o que é exposto na fala parece sempre, a partir desse prisma, ser apenas a ponta de um iceberg, dando abertura ao interlocutor uma gama de interpretações. Apesar de as classificações na preservação da face serem definidas, não é algo tão simples de se identificar, visto que, como destacado anteriormente, existe sempre num diálogo entre dois interlocutores, quatro faces. Só no ato de analisar o texto, é que essa teoria foi realmente experimentada em toda a sua plenitude, e para isso, foi necessária uma reflexão mais aprofundada na intenção mais subjetiva de cada um dos integrantes do discurso.

Haja vista toda essa questão de quais elementos preservam a Face, é notória a importância desse estudo nas áreas da Pragmática, da Entrevista, do Discurso e em várias outras em que é predominante a Preservação da estabilidade e segurança

da imagem, remetendo, sobretudo, situações de conflitos do contato face a face, por exemplo, também na área jurídica, no discurso político, jornalístico, e tantos outros segmentos que reúnem mais de um gênero textual, inclusive.

É nesse ponto que esse trabalho se debruça, esclarecendo que a interpretação de elementos implícitos do discurso é fundamental para se definir por onde ele transcorre e como se alcançam os objetivos discursivos e todo o desenrolar da interação entre os interactantes que têm intenções expressas e ocultas. É como imaginar que estudar a Preservação da Face imersa no discurso é uma lupa para enxergar as reais possibilidades de intenção de cada um dos atores sociais que compõe a conversação.

REFERÊNCIAS

BARDARI, Sérsi. **Noção de Gênero Textual**. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://sersibardari.com.br/nocao-de-genero-textual/>. Acesso em: 04 fev. 2019.

COMTE-SPONVILLE, André. **A polidez**: virtude das aparências. Porto Alegre: Editora Lpm, 1993.

FÁVERO, Leonor Lopes. Papéis discursivos das estratégias de polidez nas entrevistas de televisão. **Veredas - Revista de estudos linguísticos**, Juiz de Fora, v. 4, p.67-77. 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Atos de referenciação na interação face a face**. ed. 41. Campinas: Ed. Universidade Estadual de Campinas, 2011. (Cadernos de estudos linguísticos).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 2007.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

PICOLLO, Cláudio. **Pensar e fazer arte**: Entrevista sobre a Língua Portuguesa-44. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1VAEQclFph8> Acesso em: 25 jan. 2019.

SAITO, Cláudia Lopes Nascimento. **Preservação da face e estratégia de polidez**: um jogo de sedução na interação face a face. 2010. Disponível em: <https://www.diritto.it/archivio/1/20656.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2019

TAVARES, Roseanne Rocha. **A negociação da imagem na pragmática**: por uma visão sociointeracionista da linguagem. Maceió: EDUFAL, 2007.

ANEXO A - ENTREVISTA TELEVISIVA

1.Entrevistador: -Dieli, é um grande prazer tê-la aqui conosco, depois de “taaaanto” tempo de negociação para que pudéssemos agendar um horário, e em nome da minha equipe, quero agradecer muitíssimo pela sua presença.

2.Dieli: -Cláudio, eu que fico muito feliz por estar com você aqui, hoje. Porque nós sempre conversamos rapidamente pelos corredores, no restaurante, às quartas-feiras. (Risos acalorados de ambos). Entre pegar um pratinho de comida e voltar pra mesa, né. Mas acho que hoje teremos uma oportunidade de ter uma conversa mais longa e que a gente possa...

3.Entrevistador: interrompe, enfatizando: sobre a nossa “queriiiiiida” língua portuguesa. **4.Dieli:** -Isso. E que nós possamos trocar idéias sobre o que nós entendemos sobre a Língua Portuguesa.

5.Entrevistador: -Que bom. E isso é muito bom para que o telespectador também veja “qualé” a nossa visão de língua, quais são as necessidades a serem desenvolvidas tanto em sala de aula, como..., como..., também no nosso cotidiano, não é, com relação à nossa querida Língua Portuguesa. Dieli, eu tenho uma pequena pergunta aqui, que eu gostaria de fazer a você, que vem de Menotti Del Picchia. Certa vez, ele disse: “Não é a gramática que faz uma língua, mas a língua que estabelece, nas suas constantes, as regras de gramática.”? Você concorda com o grande poeta?

6.Dieli: - Eu concordo plenamente com o que ele diz, Cláudio. Porque toda língua é fruto do uso dos falantes. Aahn, nós temos um tradição que se enraizou no nosso povo, até a partir da forma como a escola trabalha o ensino de língua, baseando-se na chamada gramática normativa, que não representa, Cláudio, nenhuma das línguas funcionais que compõem uma língua histórica como a língua portuguesa. Ela é uma norma idealizada que não... que a gente não tem falantes verdadeiros, reais, que usem esse tipo de, de, de... Esse tipo de expressão, né... No seu uso cotidiano, mesmo o seu uso escrito. Então, sem dúvida, Menotti Del Picchia, um poeta de grande sensibilidade, percebeu que a língua, ela é o resultado que os falantes criam e propõem em termos de língua. Por exemplo, nós que somos pessoas letradas, que conhecemos razoavelmente bem a língua portuguesa, aahn, acabamos incorporando algumas mudanças que estão na boca do povo. Então, há uma expressão hoje que é muito recorrente na fala das pessoas, que é o uso do “enquanto”.

7. Entrevistador: Risos dele misturados com os da platéia.

8. Dieli: -As pessoas dizem assim: “ah, “enquanto” professora, eu tenho muito trabalho.” Né... Esse “enquanto”, na língua portuguesa, se eu for pensar, eu não tô pensando em gramática normativa, não. Mas no processo histórico de formação da nossa língua, o enquanto era uma palavra relacional que relacionava duas orações, havendo entre essas orações uma relação temporal de concomitância. Ou seja, era...

9. Entrevistador: interrompe, dizendo: “enquanto eu tomava banho, minha irmã cozinhava.”

10.Dieli: -Isso. Enquanto eu falo, você ouve, certo? Aahn, como na relação de temporalidade, aahn, como na relação, no meu exercício profissional, eu tenho uma permanência no tempo. Pelo... Pela forma tradicional, eu disse assim: como professora, eu estudo muito, eu trabalho muito, mas como essa, na condição de professora, eu tenho aí uma permanência no tempo. Os usuários começaram a perceber que o como e o enquanto poderiam permutar nas construções. E aí, Cláudio, hoje em dia, as pessoas usam não é só na fala, não. Na escrita, isso está registrado. Eu fiz uma pesquisa, e pegando de uns 25 anos pra cá, encontrei, muito timidamente, em obras escritas, o uso de enquanto como preposição, mas cheguei há um trabalho da década de 80, de uma colega muito querida minha, da nossa área de Letras, e não aparece nenhuma vez o uso da palavra como. Só aparece o enquanto na condição dele. Então, isso é um processo que a gente chama de processo de gramaticalização, e é porque é uma mudança de classe gramatical, isso ocorre frequentemente na língua. Nós, hoje em dia, temos um fenômeno muito interessante, que é o uso do “a gente”. Eu me lembro que quando eu fazia faculdade, isso há mais de 40 anos atrás, meu tio que era médico, meu tio mais velho, estávamos conversando e eu disse assim: “a gente”. Aí ele disse: “você, uma moça de família, estudando Letras, vai usar o “a gente.”...

11. Entrevistador: Risos.

12. -Dieli: ... isso não é expressão para uma moça. Tem que usar o “nós”.

13. Entrevistador: -O professor Celestino Correia Pena falava: “Brasil, tudo é gente”. Ele detestava a forma “a gente”.

14. Dieli: -E aí, hoje, Cláudio, os linguistas que trabalham com descrição, os funcionalistas, principalmente, eles consideram que hoje nós temos um novo pronome pessoal. Nós temos o nós alternando com a gente. Na fala isso é muito comum, mas na escrita... Eu tenho um orientando que está estudando processos de gramaticalização e crônicas do Arnaldo Jabour. Ele sempre escreve o “a gente”. É claro, a crônica é um texto próximo da coloquialidade, né. Então, Cláudio, ahn, é isso que é a língua, né. A língua, ela é construída pelos falantes. Então, muitas vezes, acontecem fatos interessantes, como aquela lei proposta pelo Aldo Rebelo que ele queria proibir o uso dos estrangeirismos, né...

15. Entrevistador: -Sim, humm...

16. Dieli: -...e aí, acontecem situações, eu achei, eu tive uma experiência profissional muito interessante. Eu fui convidada por uma juíza do Ministério público para participar de uma audiência pública em defesa da língua portuguesa contra a invasão dos estrangeirismos, e foi muito interessante, porque o título do debate, lá da audiência pública, era A Língua Portuguesa enquanto identidade da expressão nacional. Aí eu disse a ela que já nós tínhamos um problema no próprio título... (Risos de ambos) ...da nossa sala. Por que? Porque ela, como uma usuária, e uma usuária que fala muito bem o Português, né, uma pessoa muito bem preparada, acaba assimilando. Então, Cláudio, essas mudanças vão entrar na língua, como o como, que pra nós é tão tranquilamente aceito como preposição. Inicialmente, ele não era, e já hoje passou a ser uma preposição, por isso que se chama de uma preposição accidental, porque ele entrou por acaso.

17. Entrevistador: -Nossa!

18. Dieli: -Então, Cláudio, sem dúvida, é isso mesmo, é o povo que faz a língua. E a escola tem que entender isso, tem que trabalhar com a língua em uso. Eu acho que essa é a grande questão. E é um desafio, Cláudio. Por que? Porque os nossos professores, eles saem dos cursos de graduação sabendo muita teoria linguística, eles sabem, tem alguns conhecimentos da gramática normativa, mas eles vão pra sala de aula e o aluno dele escreve esse tipo de coisa. Ele não sabe como fazer. Aí veio a palavra “tipo” agora, né. Tipo, eu eu tô usando até na acepção a tradicional. Mas hoje em dia os moços num dizem, né, “tipo assim”. Já é um processo de gramaticalização que vai equivaler a um termo de comparação.

19. Entrevistador: -E “Té logo, mamãe, véia, fui.”. (Risos de ambos)

20. Dieli: -É. Então, vai dependendo da língua funcional que esse indivíduo utilize, vão aparecendo as criações novas.

21. Entrevistador: -Sim. Vamos à segunda pergunta, que também é muito interessante e que também é de um outro poeta lírico, o Fagundes Varela, o “graaaande”o grande Fagundes Varela, que nos deixou aqui uma estrofe muito bonita, que é a seguinte: “A mais tremenda das armas, pior que a durindana, atendei, meus bons amigos: se apelida: – a língua humana.” É, a língua, um instrumento de poder? Poderia exemplificar aos nossos telespectadores, onde e como, isso se dá?

22. Dieli: -Bom, sem dúvida, o Varela... Os poetas, como eles são usuários muito especiais da língua, eles percebem todas essas nuances e tem necessidade, né, comunicativas, que às vezes, se eles forem observar a norma padrão, né, que tá registrada nas gramáticas, vou nem dizer a norma padrão, mas o que tá registrado na gramática prescritiva, eles não conseguem ler, realizar o seus trabalhos a contento.

23. Entrevistador: -Claro, claro. Eles têm que transcender isso.

24. Dieli: -Por isso, eles acabam, aí eles fazem, acabam criando uns desvios estilísticos, eles criam figuras de linguagem, mas na verdade é porque, como usuário, ele sofre uma pressão comunicativa como todos nós, ele percebe que aquele tipo de construção não dá pra seguir uma ordem canônica. Ele tem que achar uma outra saída criativa pra poder a mensagem dele se construir, né. Então Fagundes Varela tinha toda razão quando ele disse que a língua é instrumento de poder, né. Porque, pensa assim, Cláudio: Ninguém usa a língua inocentemente, né?

25. Entrevistador: -Claro.

26. Dieli: -Sempre falo pros meus alunos assim: quando seu amigo chega e fala assim pra vocês: “não me leva a mal, mas eu vou te dizer tal coisa.” Você já pode levar a mal, porque já é uma intenção, num é? Porque na sequência do não me leve a mal, ele vai fazer uma crítica pro outro.

27. Entrevistador: -Claro. Todo ato comunicativo carrega uma intencionalidade e uma tensionalidade com “s”.

28. Dieli: -Isso. (ambos respondem ao simultaneamente). Então, Cláudio, isso daí está atrelado a um conceito da linguística textual que toda linguagem é argumentativa. Não há uso de linguagem que não tenha argumentação. Então pra quê... O que é que é argumentar? Então, eu quero te convencer que o

meu ponto de vista é o melhor. Então, eu agora aqui estou fazendo de tudo pra te provar que a língua é instrumento de poder, né. E aí, a gente vai usando muitos recursos. E as ferramentas, são exatamente as palavras, porque uma palavra mal dita, ahn, “maal diita” separado, em determinadas situações, pode, olha, terminar uma amizade de muitos anos, pode terminar uma relação amorosa, né. Eu tive um caso em família, que realmente, um casamento de 25 anos terminou por uma infelicidade da minha tia que por um momento de discussão chamou o marido de “maninho”.

29. Entrevistador: - De maninho?... (assoprou, perplexo)

30. Dieli: - Ficou ofendidíssimo. E dali pra frente, o casamento deles não deu mais certo.

31. Entrevistador: - Maninho, maninho, no sentido de “mano”?

32. Dieli: - Não, não. Como se fosse meu irmãozinho. Ele falou: “como você me chama de mano, se eu sou seu marido?” Não sou seu irmão.” Você percebe? A leitura que ele fez?...

33. Entrevistador: - Ah, sim...

34. Dieli: - aquela era uma situação de conflito, uma situação de discussão em que eles estavam. E ela, ela contava sempre essa história. Ahn, então veja, é o poder da palavra. Ela constrói, mas ela também destrói, né. E... Eu me lembro, eu era muito jovem, infelizmente, a memória me trai, e eu não consigo lembrar nem do nome do autor nem da peça, não tenho certeza. Eu assisti uma peça em que a situação era a seguinte: se passa numa praça, e havia um senhor que ele estava numa situação de vida muito decadente e ele estava assim desestimulado, queria até morrer. E aí vem uma casal, né, é o que se supõe lá pelo contexto, que seriam marido e mulher, e começam a dizer: “Não, você é uma pessoa inteligente, você tem condições de melhorar. E a peça vai transcorrendo eles vão dando forças para aquele homem. E ele ganha confiança e ele vai e procura um emprego, e sobe na vida, e chega a atingir, assim, uma posição de destaque. Quando ele estava lá em cima, eles resolvem minar a confiança deste indivíduo, só por meio da palavra. E a peça termina exatamente na mesma situação em que ela começou. Ele volta àquela situação inicial. Então, mostra, assim que ele não precisou usar nenhuma... não usou violência nenhuma, física. Mas usou a força da palavra com seu poder destrutivo, né. E eu acho também, que um texto que eu gosto muito, que exemplifica, ahn, essa força das palavras está no romanceiro da Inconfidência da Cecília Meireles, que é aquela passagem das palavras aéreas. Só vou ler um pedacinho porque é muito bonito o que ela diz, né. O texto é bastante longo, mas...

35. Entrevistador: -Que beleza! Esse é um dos meus livros de cabeceira!

36. Dieli: -Você me desculpa, que meu livro, coitadinho, ele está todo se desmanchando.

37. Entrevistador: -Esse é da Aguiar?

38. Dieli: - É. Esse é da Aguiar e está se desmanchando. Agora eu vou ter que tirar os óculos, claro. Em seguida, ela recita o poema:

“Ai, palavras, ai palavras,
que estranha potência, a vossa!
Ai, palavras, ai palavras,
sois o vento, ides no vento,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma!”

(continua a fala de Dieli) -Então, o que é que ela tá narrando nessa passagem? É a delação do Silvério dos Reis, julgamento dos condenados. Eu vou dar um salto, pegar a penúltima estrofe, pra depois chegar ao final. Diz ela assim: “acusações, sentinelas, bacamarte, algema, escolta. O olho ardente da perfídia a velar na noite morta. A umidade dos presídios, a solidão pavorosa. Duro ferro te perguntas com sangue em cada resposta, e a sentença que caminha, e a esperança que não volta [...]” Então, eu acho que essa passagem mostra, né, foi pela denúncia das palavras que o Silvério dos Reis conseguiu destruir a Inconfidência Mineira. E a Cecília Meireles capta muito bem, e você vê que a construção que ela faz, né, ahn, sintática, do, do... poema é mais só por meio de substantivos do que na verdade de estruturas sintáticas mais completas, porque ela tá focando a força da palavra pra chegar ao desfecho que foi o enforcamento e depois o esquitejamento do Tiradentes.

39. Entrevistador: -A Cecília é hábil nisso, né. E na construção de metáforas, que eu uso sempre pra vocês, quando encontro vocês. “Diáfana, pétala da vida, transparente anêmona era”, se referindo a uma borboleta. Olha o trabalho com a palavra... (faz gesto de delicadeza com as mãos). O que Ivanir sempre fala no grupo de Pesquisa e Interdisciplinaridade, a força da palavra no contexto, não há quem destrua. A palavra, enquanto léxico, tudo bem, mas quando ela está em um contexto bem aplicada, bem usada, não há força que não... (faz gesto de negativa com a cabeça).

40. Dieli: -Eu acho que é o que diz o Drummond, que a palavra, quando ela está em estado de dicionário, é como se ela estivesse lá morta, né. À espera de que alguém venha e a coloque como você disse: num

texto, mas que um texto está dentro de um contexto, dentro de uma situação comunicativa, em que há intencionalidade dos dois lados e aí é que ela ganha força e poder. (essas duas últimas palavras foram ditas simultaneamente por ambos). Então, eu acho que sem dúvidas, o poeta foi muito feliz ao perceber essa força da palavra. E ele sabia porque jogava com isso em seus poemas.

41. Entrevistador: -Claro, e os políticos também. Ahn, em todos, todos. (Dieli confirma ao mesmo tempo repetindo “todos”)

42. Dieli: -Não! A publicidade, é o... , né... Nós, professores, ultimamente, temos que ser grandes argumentadores para convencer os nossos alunos da importância do conhecimento, né...

43. Entrevistador: -Nem fale, nem fale...

44. Dieli: -Então eu acho que ela é importante em todos os contextos sociais, em todas as formações discursivas, Cláudio.

45. Entrevistador: E como é importante fazer com que o aluno se conscientize disso, né.

46. Dieli: -Olha, é um trabalho muito gratificante, viu, Cláudio...

47. Entrevistador: -Muito gratificante. (fala simultânea)

48- Dieli: -...porque eu fico, assim, penalizada de ver que os meninos passam por um curso de graduação, chegam ao Mestrado, e eles não têm, como professores de língua portuguesa, eles não têm essa consciência. Eu tô terminando, quarta-feira que vem, eu termino, no meu programa de língua portuguesa, a gente tem uma atividade que chama grupo de trabalho. Grupo de trabalho, você propõe um tema polêmico, que ele é discutido ao longo das aulas e tem que sempre resultar numa produção do aluno, né. E eu propus, então, a questão da gramaticalização e dessa gramática emergente. Por que? Há um autor americano, um linguista americano, que ele é funcionalista, chamado Hoper, que ele diz que as gramáticas das línguas, elas estão gramáticas emergentes, elas nunca estão estabilizadas. Ahn, porque o povo é quem vai fazendo essas mudanças. Então, eu propus pra eles conhecerem o que é gramaticalização, Já muita gente estudando o que é esse fenômeno, tem toda uma teorização, né, sobre isso. A metáfora é a base dessas transformações, né. Aí eu pedi pra eles, oh, cês vão ter que procurar aí casos de gramaticalização. Nós vamos dar vários aqui, mas vocês vão ter que encontrar outros, né. Estudamos uns diacronicamente; outros, sincronicamente, e disse pra eles que o fenômeno é pancrônico, é pancrônico, porque ele não acontece de uma vez. Ele vem, vem vindo aos poucos, né. Olha, Cláudio, eu fiquei emocionada ontem, com o que eles descobriram de construções gramaticalizadas e com uma variedade de sentidos, que eles falam: “e aí, professora, que valor semântico tem isso?”

49. Entrevistador: (risos) -E aí a gente se pergunta de onde vem isso, né?

50. Dieli: -E é difícil, porque aí você se pergunta, você, “olha, vai num dicionário de uso, vai num dicionário de sinonímia, porque você não consegue explicar. Porque aquilo, às vezes nuances tão pequenininhas, que eles falam assim: “olha, professora, a senhora faz com que..., olha, valeu muito, até que não tenha sido relacionado diretamente ao nosso tema de pesquisa, mas nós estamos saindo daqui com a consciência de que nós temos que mudar a nossa posição como professores de Português, nós temos que nos aventurar na língua em uso.”

51. Entrevistador: -Que maravilha de conscientização, isso é que é conscientização.

52. Dieli: -Pois é, Cláudio. Mas eu acho que precisaríamos ter essa preocupação desde a formação inicial. E não esperar chegar no Mestrado, né.

53. Entrevistador: -Claro, e depois a educação continuada até o professor da ativa como os professores de entrada, e mesmo aqueles que estão em fases de Estágios observarem o que está acontecendo nesse tipo de Ensino. Quer dizer, precisa ter uma formação de professores, assim como disse Antonieta, num de nossos programas, contínua, contínua. E isso é responsabilidade do governo. Isso quem acha sou eu. O governo é totalmente responsável pela, pelo trabalho do professor, com o “como” e com o “com” o professor. Claro, não é o “como”. O “como” até que ele faz bem, o “para” também. Eu quero o trabalho com o “com” o professor. Esse é o grande problema.

54. Dieli: -Não. E dar amparo, né, Cláudio. Porque, assim, os meninos saem, aí vão repetir o que? Os modelos que eles tiveram de professores, né... Que em geral, são modelos tradicionais e eles vão tentando. Eles se aventuram. “Vamos trabalhar com gêneros.” Mas aí quando você começa a discutir a proposta que eles fazem, acaba caindo naquele trabalho tradicional, aí tira a frase de contexto pra fazer a análise linguística, a análise sintática, vou ficar na morfologia. E aí, Cláudio, eu acho um grande... Isso é uma grande deficiência, eles não poderiam sair mesmo, eu diria, até sair mesmo da educação básica. É... Eles não são capazes de diferenciar, por exemplo, classes gramaticais. E são professores de Língua Portuguesa. Outro menino analisada uma interjeição que era substantivo. (faz expressão facial de perplexidade)

55. Entrevistador: -Nããã... (expressão estarecida)

56. Dieli: -E eu, com muito tato, fui... Ele tava expondo o trabalho, depois que ele terminou, eu fui lá e “olha, eu queria que você refizesse a análise pra próxima aula, mas, coitadinho, não percebeu isso, entendeu? Então falta assim...

57. Entrevistador: -Eles têm a noção do que vem a ser predicado? Do que vem a ser sujeito? E agente da passiva? Não deve nem saber o que vem a ser...

58. Dieli: -Então, mas aí eles passaram tantos anos tendo gramática tradicional lá na escola, mas eles memorizaram regras, não foi um trabalho em cima da língua em uso, sabe. Eu acho que essa é que é a grande questão. né, Cláudio...

59. Entrevistador: -Trabalhar com a língua em “uuuuso”. (a última palavra foi pronunciada concomitantemente pelos dois).

60. Dieli: -Cê tem que aplicar textos reais, quer dizer, de circulação efetiva na sociedade, ver as intenções comunicativas, porque as escolhas que têm lá, elas dependem da intencionalidade do locutor, então, eu acho que isso é muito importante.

61. Entrevistador: -É um problema sério, mas que não é impossível de ser resolvido.

62. Dieli: -Não, Cláudio. Eu não vejo como impossível. Eu tenho assim batalhado, tenho até um grupo de pesquisa, que a gente vem trabalhando na informalidade há 3 anos. Estamos construindo, é, um conjunto, um corpo de idéias, né. Acho que agora ele está maduro para que possamos nos cadastrar no CNPQ. Mas trabalhar com a idéia da Educação linguística desse aluno. Então, esse trabalho com a educação linguística, ela vai, ele passa, que a gente passe a trabalhar com a competência comunicativa desse aluno, com a língua em uso. E a competência comunicativa, englobando todas as outras competências que a formam, né. (inicia-se uma fala simultânea de ambos) -a estratégica, a linguística, a textual discursiva, a sócio-linguística, a literária. Tem que pegar todas essas nuances e fazer com que esse aluno seja um poliglota na própria língua, que é o meu norte na educação linguística. O norte que eu tiro do professor Bechara. Porque ele diz que quando você pega uma língua como a Língua Portuguesa, ela é formada de muitas línguas funcionais.

63. Entrevistador: -Claro! Há vários Portugueses.

64. Dieli: - Isso, eu tô falando nacionalmente. Se eu pegar internacionalmente, eu vou ter o Português de Angola, de Moçambique, do Extremo Leste, né. Então já temos outras características de, de Língua Portuguesa, né. Então, esse menino quando ele vem pra escola, Cláudio, ele domina uma língua funcional. E muito raramente, hoje, eles chegam dominando a norma padrão. É muito pouco o número de alunos que chega à escola com esse conhecimento, né. Então, o professor, tem que partir desse conhecimento. E você me faz uma pergunta aí que se deve ser respeitada essa norma, né.

65. Entrevistador: -Isso, isso.

66. Dieli: -Claro que ele tem que respeitar, porque é o que ele aprendeu no Primário, na família, tal. E nesse conhecimento que ele tem, ele domina a Gramática dessa língua funcional. E aí, nós vamos ter que ensiná-lo a gramática da norma padrão, que é aquela que eu diria das pessoas letradas, eu diria escolarizadas e com um bom grau de escolarização, que está veiculada na mídia, por exemplo.

67. Entrevistador: -Que está veiculada na mídia, e que também é exigida na grande maioria dos empregos, num é?

68. Dieli: -Sim, por isso mesmo, Cláudio. Porque, ahn, se não fizer isso na escola, você tá discriminando o aluno. Porque, ele vai sair da escola do mesmo jeito que ele entrou? Então se for pra isso, o pai não quer que ele entre na escola, porque os pais sabem que ele fala de uma maneira diferente de outras pessoas que frequentou uma escola se expressam. Então, Cláudio, essa é grande dificuldade que a gente tem. Por que? Ahn, além de ser uma questão difícil pros professores, como partir dessas normas funcionais, trabalhar, trabalhar... a norma padrão, e eu não gosto de norma culta, porque, é... a norma culta me dá a impressão de que só as pessoas cultas que sabem usá-la (falas de ambos simultâneas).

69. Entrevistador: -E isso não é verdade.

70. Dieli: -E aí, eu questiono muito, porque se eu pegar um autor de Literatura de cordel, ele domina muito bem uma variante regional da língua portuguesa, que normalmente é do Nordeste, né. Que expressa a cultura da região dele. Então eu prefiro norma padrão. O que é norma padrão? É aquela norma que tem a frequência dos usos das pessoas letradas. E por isso que eu digo que a mídia, né, imprensa e a mídia televisiva, eles são uma fonte muito rica dessa norma padrão. E aí, nós temos que trabalhar com ela também. E por meio de que? De textos que representam gêneros pra poder desenvolvermos a competência comunicativa dos nossos alunos. Tem saída, sim, Cláudio. Mas temos que pensar muito nisso.

71. Entrevistador: -Pensar, inclusive, nos cursos de formação para os professores de Português, para os professores de Inglês também. Aliás, para o professor de toda licenciatura, né?

72. Dieli: -E eu acho assim, que nós na Universidade, temos um papel, como a Universidade é produtora de conhecimento, né. Eu tenho tentado isso com meu grupo, de a gente tentar produzir material, de a gente produzir, eu não não falei de nós, eu falei de “a gente”. (Risos de ambos) pra que nós tenhamos uma conversa informal, num é? Eu tô usando a forma gramaticalizada, né, Cláudio. Mas, nós temos que produzir material que. ahn, que chegue, que seja acessível pro professor, pra que ele possa então adquirir esse conhecimento até se ele não tivesse nesse processo de formação continuada, institucionalizada nos órgão governamentais. Sozinho, ele pode ler, pode estudar, trocar com os colegas, entendeu? Eu acho que há caminhos, sim.

73. Entrevistador: Há caminhos, sim. Há caminhos. Dieli, infelizmente, nosso tempo acabou e nós não terminamos o roteiro que estava preparado para o programa. Eu gostaria de agradecer você muitíssimo pela presença e também gostaria de agradecer ao telespectador pela audiência. O meu muito obrigado.